

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 88

Das vidas na cidade e no bairro: uma abordagem às histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco

Sofia Sousa

Porto, março de 2020

 **instituto**
SOCIOLOGIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Das vidas na cidade e no bairro: uma abordagem às histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco

Sofia Sousa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

E-mail: sofiaarsousa22@gmail.com

Submetido para avaliação: dezembro de 2019/Aprovado para publicação: março de 2020

Resumo

O tecido urbano e social é repleto de nuances, quer seja ao nível da configuração espacial, quer ao nível das suas representações e apropriações. Deste modo, viver, habitar e usufruir de um espaço social urbano, alvo de inúmeros fatores de segregação e exclusão social, impactando as trajetórias, rumos e identidades pessoais e coletivas. Neste contexto procuramos compreender e perceber qual a extensão da influência (ou não) dos processos de exclusão social nas identidades, trajetórias e histórias de vida das mulheres desse mesmo bairro, sendo que para tal temos como ponto de partida uma metodologia qualitativa, com o objetivo de estabelecer uma caracterização e mapeamento deste segmento populacional (as mulheres), como estas se auto representam e são representadas por outros, dentro de um espaço alvo de múltiplas formas de exclusão e segregação. A resolução da exclusão apenas será possível se for feito um processo de auscultação das necessidades e discursos, daqueles que realmente a vivem e sentem diariamente.

Palavras chave: exclusão, identidades, bairros, mulheres.

Abstract

The urban and social tissue is full of nuances, both at the level of spatial configuration and at the level of representations and appropriations. In this way, living and enjoying an urban social space, which is the target of numerous factors of segregation and social exclusion, implies an impact on the trajectories, directions, personal and collective identities. In this context, we seek to understand the extent of the influence (or not) of the processes of social exclusion in the identities, trajectories and life histories of the women in the same neighbourhood, and for that we have as a starting point a qualitative methodology, with the objective to establish a characterization of this

population segment (women), how they represent themselves and also how they are represented by others, within a target area of multiple forms of exclusion and segregation. The resolution of exclusion will only be possible if a process of listening to the needs and speeches of those who live is made.

Keywords: exclusion, identities, neighbourhoods, women.

1. Cidade, bairros e mulheres

Uma vez que a cidade é o palco das desigualdades devemos decorrer acerca do nosso objeto de estudo, o Bairro do Cerco do Porto. Neste contexto, o papel da mulher urbana (NDI, 2015) e a importância do mesmo assume uma enorme relevância, devido a uma multiplicidade de fatores. Talvez o principal motivo que levou à alteração ou ao crescimento do papel que a mulher desempenha nas sociedades atuais tenha sido o fator da empregabilidade (Tacoli, 2012), o que por sua vez, fez com que estas fossem adquirindo uma independência cada vez maior face ao homem. Aliada a esta questão, temos o papel que a educação desempenha também no aumento do acesso, por parte das mulheres, a condições favoráveis de empregabilidade contudo, o que se verifica é que as mulheres provenientes ou que residem em bairros sociais, possuem, tendencialmente, barreiras relacionadas com o campo da educação, originando formas de exclusão social bem como disparidades entre mulheres que vivem em bairros sociais, comparativamente a mulheres não provenientes ou residentes em bairros sociais.

Assim, uma das motivações para a realização desta investigação¹, que incide maioritariamente nas histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco do Porto, baseia-se numa revisão bibliográfica que nos permitiu verificar a escassez de informação sociológica, não só acerca deste mesmo assunto, mas também sobre o papel que estas mulheres ocupam na sociedade, nas grandes cidades, periferias, nas suas casas e comunidades. Além destes aspetos, podemos ainda evidenciar interesses alusivos ao conhecimento das adversidades que as mulheres enfrentam, tais como no acesso a infraestruturas nomeadamente, o facto de a vivência num bairro social implicar limitações principalmente em questões como a empregabilidade e rótulos sociais profundos de estigma e preconceito – questões estas abordadas posteriormente. De mencionar também, é a fraca sensibilidade por parte de organismos de governança no que toca a problemática da representação de mulheres na tomada de decisões que envolvam o urbano, não havendo assim uma compreensão profunda das necessidades específicas existentes (Beall, 1996).

Apesar dos contributos teóricos existentes, muitos deles surgem como uma aproximação no que concerne aquilo que, de facto, se pretende analisar. Então decidimos compreender estes contributos pelo seu todo procurando entender as adversidades, ilações e considerações existentes acerca do papel que a mulher desempenha em múltiplas esferas da sociedade e do campo social, económico, político

¹ Esta pesquisa decorre da realização de uma investigação conducente ao Mestrado em Sociologia por parte da autora (Sousa, 2018).

entre outros, isto é, ter em linha de conta os contributos independentemente de serem inerentes a uma subcultura, à empregabilidade, a relações familiares ou educação, pois todos esses eixos de análise em conjunto revelam lacunas na importância que é atribuída à mulher e à sua participação na sociedade.

Além de todos os movimentos de manifestação e indignação, a posição social que as mulheres ocupam ou que lhes é atribuída, ainda incide em deveres domésticos e diminuta liberdade física (Guerra *et al.*, 2017: 16), sendo que um exemplo concreto e recente desses tipos de manifestações associados à temática e preocupação com a expressão das suas identidades, gostos, e como as autoras referem, liberdade física (Guerra *et al.*, 2017:) foi a marcha Slutwalk² realizada na cidade do Porto, movimentos esses de protesto que continuam a ser necessários no imaginário destas mulheres pois, apesar da conquista de um lugar ativo no mercado de trabalho, os seus papéis sociais permanecem condicionados pelo sexo masculino.

Além deste exemplo que aconteceu no Porto, outros serviram de mote e de fonte de inspiração bem como despertaram a nossa curiosidade tal como o MAFED³ que era constituído por mulheres do mundo académico, ativistas e artistas que em conjunto criaram um website de forma a espalharem a sua mensagem, contudo apenas eram apresentadas fotografias de homens, mais uma vez alertando para a problemática do género e do racismo nos bairros sociais de França. Esta iniciativa teve como base as políticas de género em vigor no território francês, sendo que muitos dos projetos e dos atos de protesto ocorreram nos bairros sociais, ocorrendo que estas reclamavam o seu espaço em termos de habitação e reivindicavam um lugar dentro do contexto da cidade, isto é, pretendiam que toda a população fosse entendida como uma parte integral da cidade (Hancock, 2017: 637). Um ponto que queremos ressaltar neste momento, é o encontro de eixos em comum com o caso português pois, tal como Hancock (2017) refere, não existe na França uma colaboração e interligação entre aquilo que são as políticas urbanas e as políticas de igualdade de género, ora tal como em Portugal as políticas de género encontram-se territorializadas e circunscritas inúmeras vezes a áreas específicas, dando origem a áreas com elevadas proporções de habitação social localizadas nas periferias. Hancock (2017) aborda ainda a existência de uma instrumentalização da figura da mulher nos discursos relativos ao aumento de medidas de segurança conduzindo a uma estigmatização dos habitantes e da continuidade do sexismo.

² Este movimento surgiu no Canadá em 2011, como forma de protesto a um comentário enaltecido por um polícia, numa palestra, sobre os modos como as mulheres se deveriam vestir. Disponível em: <https://slutwalkporto.wordpress.com/sobre/>.

³ March of Women for Dignity and Against Racism (Hancock, 2017).

Ainda no contexto Francês, a resposta do país aos problemas sociais tende a ser territorial, tal como em Portugal, dado que as minorias ou os segmentos populacionais estigmatizados se encontram concentrados em áreas específicas, ou seja, em ambos os países – a nosso ver as políticas urbanas surgem como um véu, na medida em que procuram esconder a existência destas concentrações e destes problemas sociais. Estes movimentos ativistas não se têm verificado com a mesma força que no contexto francês, o que nos leva a questionar ainda mais a importância da mulher, isto é, apesar de já ouvirmos discursos políticos de partidos conceituados pelas vozes de mulheres, a existência de marchas de protesto contra o sexismo e a falta de liberdade física, estas tendem a concentrar-se em áreas específicas da cidade. Entendemos que é pela questão da centralidade, de modo a captar a atenção, contudo, as mulheres que habitam as periferias parecem não ter uma voz ativa em nenhuma das frentes revolucionárias, principalmente no que toca às políticas urbanas e às políticas de reabilitação ou de intervenção territoriais, como é o caso do Bairro do Cerco, estas mulheres parecem ser invisíveis aos olhos da sociedade, porém assumem importância dentro dos seus contextos diários.

Neste sentido, Hancock (2017) aborda um destes aspetos, a nosso entender, fulcrais nesta fase da investigação, isto é, os desenvolvimentos políticos apenas atribuem às mulheres um papel local e negam-lhes a participação em outros níveis de tomada de decisões. Estas acabam por ser “[...] as guardiãs do local” (Coutras, 1987/1996), em que elas acabam por assumir deveres específicos dentro dos seus bairros sociais e das suas comunidades, sendo que este papel remete aos anos 50, dando origem a uma geografia do género francesa, porém, este tipo de comportamentos ainda é verificável em comunidades como o Cerco do Porto. Estas áreas surgem como o problema das crises urbanas.

Devido a estas noções, o nosso interesse aumentou, procurando compreender ao facto destes papéis sociais se manterem ou metamorfosearem quando analisados num contexto territorial tão específico como um bairro social, sendo para tal importante analisar de que modo se inscrevem os modos de vida *num* e *de um* bairro social no quotidiano, nas representações, nos afetos e nas simbologias das mulheres desse território em causa, e além disso verificar a existência de uma perpetuação destes papéis sociais restritos na trajetória familiar das entrevistadas, de modo a discutir a contextualização histórica e política que compõe este fenómeno.

Para o efeito, decidimos adotar uma metodologia de carácter qualitativo, logo procedemos à realização de entrevistas semiestruturadas ao nível das histórias de vida e, posteriormente, criamos uma série de categorias analíticas que permitiram a análise destes conteúdos, sendo que tínhamos como objetivos *Demonstrar as vivências*

quotidianas das mulheres enquanto processo estrutural de vivência num contexto de exclusão e de estigma mas também, Patentear nas histórias destas mulheres, percursos e formas de vida de enfrentamento de segregação, estigmas e exclusão. Concomitante foram realizados registos de observação direta.

2. Point of view: O Bairro do Cerco visto

Tornou-se primordial compreender todas as formas de usufruição bem como todos os espaços alvo dessa usufruição, seus sentidos e simbologias, também como um meio de entendimento destas mulheres e das suas histórias. Ora, se num primeiro momento em que apenas tínhamos efetuado seis ou menos registos de observação de carácter exploratório, isto é, tendo como base uma mera circulação pelo bairro, algo que dado ser um território fechado em si mesmo não permitia a paragem durante longos períodos de tempo para observar a fundo os comportamentos e as interações, tais aspetos foram alvo de alteração, ou seja, a nossa abordagem alterou-se. As nossas incursões ao terreno tornaram-se quase que tripartidas, na medida em que foi feita uma gestão do tempo disponível para a realização das mesmas, pois num primeiro momento, observávamos o estado de conservação dos Blocos e, num segundo momento, as dinâmicas sociais, os modos de usufruição, sendo complementar a este segundo momento a observação dos modos de apresentação dos indivíduos.

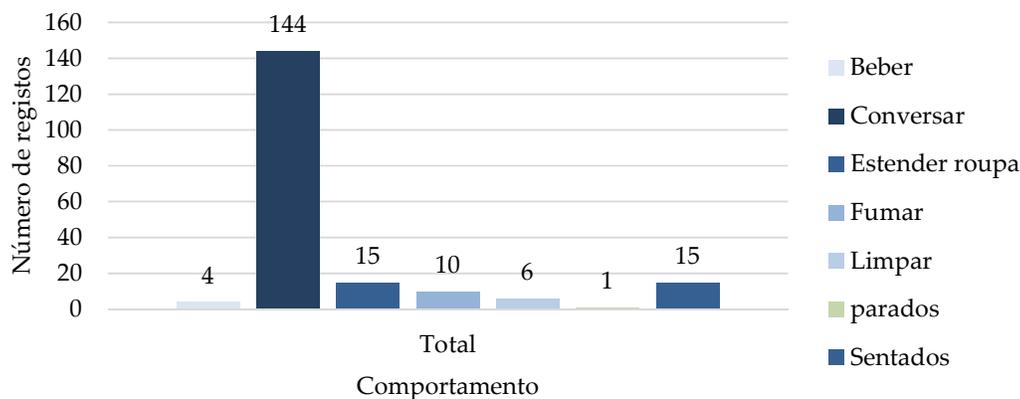
Deste modo, podemos verificar uma predominância do género feminino em torno do bairro em si, sendo que as zonas centrais do mesmo eram onde se verificava presença maioritária do género masculino, apesar de haver a presença de mulheres, esta era sempre em menor número. Para tal aspeto destacamos como justificação dois aspetos, o primeiro prende-se com os serviços, por exemplo na zona das ilhas e dos blocos mais recentes que foram construídos, é onde se encontram os cafés, mercearias e um cabeleireiro, depois temos ainda a escola, pois o que se verificou nas nossas observações é que eram as mulheres que acompanhavam as crianças à escola e que as traziam, acontecendo o mesmo na zona de Pêgo Negro devido ao CATL⁴, vejamos,

As mulheres faziam trajetos curtos, sendo que vinham acompanhadas de crianças pela rua e outras saíam do IEEP...aferimos que estas vinham buscar os filhos à escola e outras iam levá-los ao CATL. Ainda de destacar que as que saíam do IEEP dirigiam-se diretamente para a paragem do autocarro...não circulavam pelo bairro. (Excerto do diário de campo do dia 20 de março de 2018).

⁴ Clube de Atividades de Tempos Livres.

A predominância das mulheres no Ilhéu também ela pode, em certa parte, estar relacionada com o supermercado que se encontra no seu interior e até mesmo porque as ruas que circundam o bairro do cerco e os seus blocos, tais como a Rua Cerco do Porto (onde se situam as Ilhas) e a Rua Peso da Régua (onde se encontra o Ilhéu) foram consideradas como as zonas mais calmas, atendendo que o centro do bairro seria o mais problemático. Deste modo, tendo em atenção os dados recolhidos, procuramos compreender quais eram os comportamentos verificados, sendo que foram observadas um total de duzentas e cinquenta e quatro mulheres e duzentos e cinquenta e seis homens, ao longo dos treze registos de observação⁵, devemos aqui enunciar que alguns desses registos não possuem um preenchimento de um comportamento a elas associado, simplesmente estavam a passar pelas ruas ou, pelo contrário, não possuímos tempo suficiente nem destreza de as acompanhar visualmente, assim retiramos um total de cento e noventa e cinco registos comportamentais, vejamos o gráfico seguinte:

GRÁFICO 1: Interações observadas, de acordo com o sexo género feminino, no Bairro do Cerco do Porto, em 2018



Fonte: Elaboração própria.

⁵ Pode parecer confuso para o leitor, pelo que iremos explicar o nosso processo de recolha de informação. Ao estarmos situados num ponto estratégico podemos visualizar o que acontece à nossa frente e dos lados muitas vezes, sendo que cada um desses momentos são como *frames* fotográficos e contam como registos de observação. A validade e a sustentação aqui encontraram-se pela ida, várias vezes, a esse mesmo ponto específico de observação para testar se se verificava novamente esses comportamentos ou outros distintos. Ora, se num registo de diário de campo ou preenchimento de uma grelha de observação estes frames surgem em forma de nota ou texto corrido, numa base de dados (necessária para um posterior mapeamento) estes devem assumir-se como entradas singulares, ou melhor dito, observações singulares à qual lhe correspondem coordenadas específicas que, poderão ser agregadas, obtendo assim uma generalização ou não, de um comportamento por exemplo, para determinada zona. Logo das duzentas e cinquenta e quatro mulheres observadas pelo bairro inteiro, cento e noventa e cinco estavam a exercer um comportamento que foi observado, codificado e descrito, havendo assim três formas de encarar um dado obtido através de uma técnica.

Aqui, com a tabela de seguida apresentada, pretendemos testar de que modo a localização dos serviços pode estar relacionada com a predominância de mulheres, bem como o tipo de comportamento que por elas é exercido.

TABELA 1: Interações sociais do género feminino segundo os locais da sua ocorrência, no Bairro do Cerco em 2018

Comportamento	Local						
	Associações	Blocos	Café	Praça/Descampado	Ringue	Ruas	Supermercado
Beber			2	2			
Conversar	2	32	12		1	79	18
Estender roupa		12				3	
Fumar			4		2	4	
Limpar		3				3	
Parados						1	
Sentados		3				12	

Fonte: Elaboração própria.

Deste modo, desde logo podemos aferir que a maioria das mulheres que foram observadas encontravam-se a conversar, normalmente sempre em pares ou grupos pequenos de no máximo três mulheres, nunca foram verificadas conversas entre homens e mulheres, o que nos fez questionar se de facto existia ainda aquele conservadorismo da sociedade portuguesa (Guerra *et al.*, 2017: 25), isto é, a perpetuação de estereótipos em que são as mulheres que se ocupam das tarefas domésticas ou relacionadas com a casa, dado terem sido comportamentos também eles observados, tais como estar a estender a roupa, limpar as entradas dos blocos, demonstrando um pouco os modos de vida destas mulheres e, em certa parte, os moldes que caracterizam as suas identidades, dado este que será aprofundado com os discursos das mesmas através das entrevistas,

As mulheres conversavam na rua num tom muito baixo em comparação com os homens na mesma situação...outras do lado oposto foram vistas a estender a roupa mas não iniciavam conversas com as vizinhas nem com quem passava (Excerto do diário de campo do dia 8 de junho de 2018).

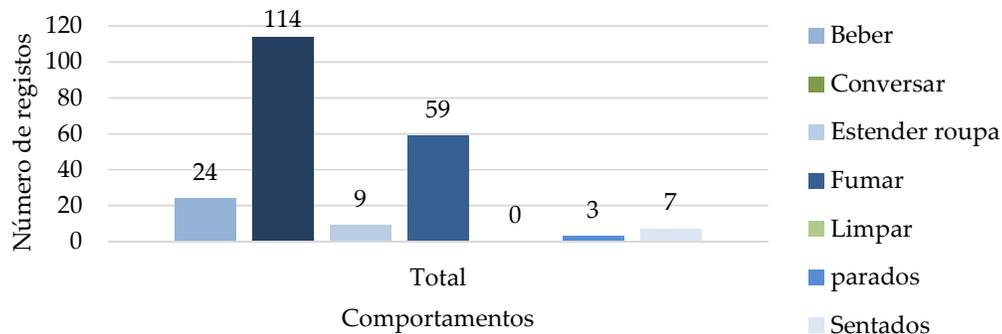
As mulheres estavam principalmente a conversar em pares na rua ou então junto ao supermercado, enquanto que os homens estavam no café a conversar alto e a fumar de forma muito descontraída (Excerto do diário de campo do dia 21 de junho de 2018).

Além desta temática, com a tabela apresentada acabamos por ter um vislumbre de alguns dos espaços de sociabilidade das mulheres do Bairro do Cerco do Porto, sendo de destacar os blocos, as ruas e os supermercados, por oposição aos cafés que são mais frequentados pelos homens. A problemática dos espaços são muito importantes, por exemplo as conversas que surgem associadas a locais como os blocos habitacionais ou às ruas surgem demarcadas nas nossas entrevistas como veremos adiante, podem ser tidas como o elo de ligação das relações de vizinhança e de familiaridade, bem como, todos estes locais agregados numa só variável, e ainda os comportamentos observados pelas mulheres demonstram o peso que estas ocupam dentro do bairro, demonstrando desde logo a relação com os papéis familiares e domésticos. Aos poucos, apenas recorrendo ao *olhar sociológico* começamos a ter uma pequena amostra de alguns dos aspetos que compõem as identidades destas mulheres, os seus lazeres e a forma como estas se espelham no bairro, deixando nele uma marca sua e trazendo, em si mesmas, uma marca do território,

Verifiquei um aspeto interessante...as mulheres estavam sempre acompanhadas por um homem, falavam muito baixo em relação a ele...tinham assim atitudes e comportamentos muito discretos enquanto ele já passava com uma atitude empoderada e a fumar, cumprimentando quem passava e ela estava ao lado mas mais atrás. (Excerto do diário de campo do dia 17 de novembro de 2017).

Tendo como motivo a verificação intrínseca desta questão da dominação masculina opressora e a questão do conservadorismo que as autoras referem, despertou então a curiosidade de, apesar de não ser o nosso objeto de estudo, perceber quais eram os comportamentos que foram verificados com maior frequência durante os nossos registos de observação, daí o seguinte gráfico,

GRÁFICO 2: Interações sociais do gênero masculino no Bairro do Cerco do Porto, em 2018



Fonte: Elaboração própria.

Novamente, verificamos que a maioria dos comportamentos estavam relacionados com o ato de conversar, porém aqui em grupos de grande dimensão, principalmente verificável junto do café, sendo que eram aqui que se encontravam os maiores grupos de homens a conversar, face a um número inferior de mulheres. Em comportamentos como fumar observamos uma disparidade abismal dos número registado para os homens (59) em comparação com as mulheres (10), enquanto – e aqui é o ponto principal – não foram verificados homens a limpar e apenas alguns a estender a roupa, sendo esses mesmos idosos e não homens mais jovens, demonstrando ainda uma predominância de tarefas que são associadas às mulheres e que recaem sobre elas, prefigurando a ideia da mulher no espaço doméstico como dona de casa (Guerra, Gelain e Moreira, 2017), permanecendo os rótulos, estereotipagens e dominações simbólicas.

3. *Eu posso dizer que sou Cerco: os discursos das mulheres do Bairro do Cerco do Porto*

Todas as nossas entrevistadas tinham idades entre os trinta e os cinquenta anos, e face a este tema foi-lhes perguntado se elas consideravam que as notícias que eram publicadas contribuíam para uma perpetuação do estigma e perante tal questionamento todas as nossas entrevistadas afirmaram que sim, que os meios de comunicação social contribuem para uma perpetuação de sentimentos de insegurança, porém devemos também afirmar que foi considerado que atualmente ou mais recentemente tal aspeto tenha vindo sofrer alterações, vejamos o que dizem os entrevistados:

Muitas coisas que se passavam que nem era aqui e metiam logo que era no Cerco do Porto...para mim até é mais grave aquele caso do

Pedro Dias que nem é daqui nem é nada e para mim é pior aquilo que ele fez...depois é abafado e no Cerco é falado para a vida inteira...um homicídio aqui no bairro nunca mais de calavam... (Entrevista 2, Cerco do Porto).

... uma pessoa a ver uma notícia e não está lá...o que não quer dizer que o que está a ser dito não seja verdade porque é...só que não mostram nem conseguem ver o outro lado do bairro...só vão noticiar uma coisa má e não as boas porque não vende... (Entrevista 3, Cerco do Porto).

Estas considerações, prendem-se e permitem que seja estabelecida uma ponte para a nossa segunda hipótese de trabalho (2) que se direciona com os discursos e sentimentos de segregação, estigma e exclusão de indivíduos exteriores ao bairro, possuem um impacto nas histórias de vida, percursos e modos de vida das mulheres. Com esta hipótese de trabalho, o que prendíamos era testar as formas de hétero exclusão, isto é, perceber até que ponto as opiniões de quem não vive no bairro interferem com os modos de vida, sentimentos e histórias destas mulheres do bairro do Cerco. Um dos principais pontos em que estes sentimentos e possíveis constrangimentos surgiam e se assumiam como essenciais, encontravam-se inseridos na problemática do mercado de trabalho, ou seja, as dificuldades que as mulheres sentiam, as suas famílias, constrangimentos e consequências. No que concerne a validação desta hipótese de trabalho tendo em mente as nossas categorias e subcategorias, consideramos pertinente interligar as referências à hétero exclusão, mas também as representações do bairro pelo outro e ainda, a vivência da exclusão social *no* e *do* bairro, com o objetivo de compreender até que ponto falar de uma implica ou refere a menção a outra, assim apresentamos a seguinte tabela:

TABELA 2: Referências a sentimentos de auto e hétero exclusão no e do Bairro do Cerco (Número)

Subcategorias e número de referências

Subcategorias de análise	Hétero exclusão	Representações do bairro pelo outro	Vivência da exclusão <i>no e do</i> bairro
Hétero exclusão	17	15	12
Representações do bairro pelo outro	15	23	13
Vivência da exclusão <i>no e do</i> bairro	12	13	24

Fonte: Elaboração própria.

Deste modo, devemos mencionar que as representações do bairro pelo outro, com vinte e três referências, também se relacionam e convivem com a exclusão social e seus processos de vivência – 13 referências – ao nível dos discursos e pensamentos das mulheres do bairro do cerco. Ainda nos dias que correm, o bairro permanece um lugar estigmatizado e excluído porque quem não vive lá, não o vivencia nem experiencia, o que nos permite atestar e comprovar de modo empírico aquilo que Levitas (1998) afirma no que diz respeito à divisão dos indivíduos em dois grupos, pois os excluídos são os moradores do Bairro do Cerco e os restantes os não moradores e, muitas vezes, portadores do estigma, apesar de nos ter sido permitido aferir que também existe estigma e preconceito por parte de quem vive no bairro face a outros moradores, porém esta questão apenas será aprofundada posteriormente. O que conseguimos comprovar é que estes sentimentos contribuem e apresentam impacto nas histórias e modos de vida das mulheres, estas ainda se sentem estigmatizadas, oprimidas e, acima de tudo, conscientes de que este preconceito permanece de forma vincada no imaginário da população portuguesa,

... as pessoas parece que têm receio das pessoas viverem em bairros ou em bairros mais problemáticos do que outros... pensam que vão ter mais problemas com o empregado mas... para mim não tem nada a ver porque vivemos cá... o que pensam os outros... em prédios também há problemas e não é só nos bairros que há mau... (Entrevista 4, Cerco do Porto).

Uma vez eu estava com um grupo de amigas num café sabe e estava lá na mesa ao lado com umas moças e a gente a falar do cerco e tal...e elas foram embora...abalaram logo porque pensaram que nós devíamos ser umas malucas por sermos do cerco [...] não me senti triste mas já se sabe que foram embora por a gente ser do cerco...
(Entrevista 5, Cerco do Porto).

Existem várias variáveis que nos permitem verificar, como é o caso da nossa hipótese de trabalho, que os discursos de segregação contribuem para as alterações nas histórias de vida das mulheres do bairro do cerco

É assim...não é só o Cerco que tem problemas...bairros, prédios e cooperativas...as pessoas é que ficaram com aquela cisma e pronto...muita gente diz que às vezes não tem nada a ver porque quem mora no cerco e tal...mas não...continuam a ter aquilo... dizem, mas o pensar é diferente. (Entrevista 5, Cerco do Porto).

Todos estes pontos abordados anteriormente, do sentimento de exclusão pelo outro face às mulheres do bairro, conduziram a nosso ver – e devido às entrevistas – a que começassem a surgir sentimentos de autoexclusão. As próprias mulheres auto excluem-se, talvez devido ao facto de sentirem e presenciarem o estigma face aos bairros constantemente, isto é, a autoexclusão é encarada – no nosso trabalho – como um resultado e como um mecanismo de defesa/aceitação face aos processos de hétero exclusão que são sentidos por estas mulheres. Tal aspeto, a nosso ver poderá contribuir para a construção de uma identidade coletiva forte, mas também mais fechada nela mesma, fomentando-se ao longo do tempo *na* importância de inserção numa comunidade, aspeto este que irá ser analisado de seguida. Vemos ainda espelhada a hétero exclusão nos sentimentos de (in)segurança, apesar das entrevistadas não afirmarem diretamente que não se sentem seguras a viver no bairro, através de um relembrar de episódios e situações – presentes no seu imaginário e nas suas histórias – podemos constatar que tais sentimentos se encontram presentes, ainda que por vezes reprimidos. Neste ponto, estabelecemos uma ligação com o que foi dito anteriormente, ou seja, um vínculo entre os media, a perpetuação do estigma e a hétero exclusão.

Posto isto, podemos então avançar com uma análise ao nível da nossa terceira hipótese de trabalho (3) relacionada com o facto de as conjunturas económicas, sociais e políticas refletirem-se nas mudanças de identidade individuais das mulheres do Bairro do Cerco, mas também, possuírem um impacto no que concerne as identidades coletivas, nomeadamente, alterações no sentimento de comunidade da população do Bairro do Cerco do Porto. Novamente, foi feita uma análise de várias dimensões, de modo a obtermos conclusões específicas e profundas acerca do tema em causa. Assim

sendo, quando mencionamos conjunturas económicas e o impacto possível destas nas identidades, estamos, pois, a referir-mo-nos à mulher em si ou sua família, não necessariamente à sociedade em si, sendo então de destacar que oito das nove entrevistadas estavam desempregadas e estavam ou já estiveram abrangidas - em algum momento - por medidas de proteção no âmbito da garantia de rendimentos, e ainda que todos os trabalhos que exerceram anteriormente à situação de desemprego eram trabalhos precários, sendo que o que queremos referir é que se a situação de desemprego seja já ela prolongada no tempo, a mesma poderá influenciar os seus sonhos ou objetivos de vida, parte importante para a nossa análise, podendo também este ser um fator de afetação aos sentimentos pelo Bairro, nas suas identidades e ainda na construção de identidades coletivas, porém estas questões serão abordadas numa fase posterior de reflexões acerca dos sentimentos pelo espaço em si.

Todas estas questões contribuem, de certo modo, para uma alteração nas interações que são estabelecidas entre os moradores do bairro do Cerco, quase como se existissem duas comunidades (ou mais) dentro de uma só, que por conseguinte, é fechado em si mesmo, não só pelos processos de auto e hétero exclusão previamente abordados, mas inclusive, por sentimentos de insegurança que se fizeram sentir, ainda que não diretamente, através dos discursos das nossas entrevistadas, isto é, apesar das mesmas não afirmarem diretamente que não se sentem seguras a viver no bairro, através de um relembrar de episódios e situações - presentes no seu imaginário e nas suas histórias - podemos aferir que tais sentimentos se encontram presentes, ainda que por vezes reprimidos, como podemos ver,

Eu lá está...se pensar nisso sinto-me pouco segura mas como habitualmente não penso nisso, nem estou a prever nada, nem meto em confusão...se pensar nisso, tenho receio realmente porque já nos assaltaram aqui e a polícia não fez nada...sabem quem são e não fazem nada. (Entrevista 3, Cerco do Porto).

Eu acho que não me fariam nada, mas também me conhecem daqui mas as pessoas que vêm trabalhar não têm grandes problemas...mas também já houve alturas que era diferente e havia pessoas que moravam aqui...agora estão presas também não é...mas já violaram uma rapariguinha ali naquela parte de onde eu vinha... (Entrevista 1, Cerco do Porto).

O que conseguimos concluir, desde cedo, foi que os discursos de afetação das identidades individuais e coletivas, vindos do exterior do bairro do Cerco principalmente no que diz respeito à etnia cigana e não só, começam a ter um impacto a outro nível nos moradores, no sentido em que estes mesmos passam a ser

interiorizados e reproduzidos pelos mesmos, ou seja, as próprias mulheres estabelecem diferenças, muito acentuadas, entre quem vive no bairro *versus* quem vive em “prédios”⁶ ou até mesmo em outros locais da cidade, deste modo, consideramos estar perante uma espécie de identidade *deslocada*⁷, no sentido em que nos apercebemos que estas mulheres se veem a si mesmas, em função do local de residência, não se imaginando viver em outros locais, nem tendo aspirações para tal – aspeto abordado em profundidade posteriormente. Elas próprias estabelecem, em primeira mão, a diferença entre viver no bairro do Cerco do Porto e *não* viver no Bairro do Cerco do Porto, como se o mesmo fosse algo à parte, distante, distinto e distintivo:

Se a gente morar na Foz não vai bater à porta da vizinha “olhe um bocadinho de sal” [...] aqui é o prato do dia... “dá aí umas batatas que me esqueci de comprar”...isso não acontece no meio da Foz, lá no meio do jet set...é o que eu acho. (Entrevista 8, Cerco do Porto).

Eu não tenho nenhum problema em estar a falar consigo, é conforme as pessoas, quem vive cá, ou em prédios ou em moradias perto da praia são iguais a mim [...] num bairro ou vemos as pessoas todos os dias ou vemos de longe a longe e isso é diferente. Nos prédios está tudo fechado, mas num bairro assim grande há sempre alguém na rua, na janela, a estender e é normal [...] nos prédios não se vê isto e é tudo fechado, parece que têm medo de nos abrir a porta ou abrem só um bocadinho e aqui não. (Entrevista 4, Cerco do Porto).

O que conseguimos concluir é que, mais do que conjunturas económicas, sociais ou políticas – apesar destas representarem um papel significativo em diferentes níveis – verificamos que existem muitos outros processos, situações e pensamentos que influenciam os processos de identidade individual e coletiva. Posto isto, resta-nos apenas avançar com a nossa última hipótese de trabalho (4), antes de procedermos à análise de outros aspetos de extrema importância para o nosso estudo, sendo que a mesma se relaciona com os sentimentos de pertença a este espaço físico e social que é o Bairro do Cerco do Porto, sendo que estes são afetados pela localização do Bairro, isto é, pelo facto de este estar situado numa periferia e praticamente afastado do centro da cidade. A este nível podemos aferir que o nosso objeto de estudo se encontra de

⁶ Expressão utilizada por todas as nossas entrevistadas, sendo de destacar que até em alturas que a investigadora se referia aos Blocos como sendo “prédios”, as mesmas corrigiam dizendo que estava incorreto.

⁷ O que se pretende afirmar com este conceito é alusivo à perceção das mulheres de si mesmas. Se por um lado, com este trabalho de investigação, pretendíamos de certo modo contrariar os discursos segregadores existentes, verificamos que estes mesmos já se encontram interiorizados pelas nossas entrevistadas. A sua identidade, a nossa ver, é tida como *deslocada*, pois molda-se (ou moldou-se) de acordo com os discursos exteriores. Aquilo que deveria ser individual *deslocou-se* e tornou-se coletivo.

facto distante em termos espaciais do centro da cidade, porém encontra-se rodeado de outros bairros sociais. Logo, para uma compreensão em mais detalhe associada aos sentimentos de pertença, consideramos que seria determinante analisar as opiniões das mulheres entrevistadas sobre vários níveis, isto é, o bairro é composto por múltiplas esferas que, em conjunto, compõem o tecido espacial e social, sendo elas as habitações, os sentimentos e simbologias das mulheres para com o espaço, os espaços públicos e os serviços, e são estes mesmos pontos que pretendemos aqui analisar. Aferimos que, no decorrer da entrevista, as mulheres sentiam-se muito mais à vontade quando lhes era pedido para abordar aspetos físicos – tais como as habitações ou estado de conservação do bairro – do que partilhas histórias ou memórias face ao bairro. Aliada a esta linha de abordagem, procuramos compreender de certo modo – como no trabalho de Guerra (2002a) – o gosto pelo bairro e, por conseguinte, os pontos a destacar de poderiam ser intervencionados, vejamos então a seguinte tabela:

TABELA 3: Referências às pertenças e afetos face ao Bairro (Número)

Categorias de análise	Número de referências
Pertenças e afetos face ao bairro	53
O que mais gosta	9
O que menos gosta	11

Fonte: Elaboração própria.

Assumindo desde logo a superioridade de referências face às pertenças e afetos pelo bairro, iremos ancorar a nossa abordagem nesse mesmo ponto. Numa primeira instância, verificamos um aspeto deveras interessante, isto é, o distanciamento através do discurso face ao bairro. Ora se por um lado encontramos mulheres que durante a entrevista assumiam, com orgulho, que eram no bairro do Cerco, outras por outro lado, negavam-no, pois:

Eu não sou do Cerco! Sou do Ilhéu...que fica perto do Cerco (Entrevista 1, Cerco do Porto).

Eu nasci em casa, as pessoas daqui é que fizeram o coisa à minha mãe...até rio-me às vezes...eu posso dizer que sou Cerco! (Entrevista 2, Cerco do Porto).

Uma vez que captamos este tipo de discursos, procuramos compreender aquilo que estava na génese de se distanciarem ou de manterem relações de proximidade com este espaço em questão. Por um lado, assumimos e estabelecemos uma análise com os sentimentos de segurança ou de insegurança, por estas mulheres sentidos, disfarçados ou omitidos, mas também com outros aspetos para elas relevantes, por exemplo

Eu aqui tenho medo de sair cedo. Se for de manhã e for cedo e estiver escuro, o meu filho vem apanhar o autocarro, ele sai e eu venho sempre para a janela ver se ele vai bem (Entrevista 9, Cerco do Porto).

Moro aqui porque necessito, são estas as palavras. Não gosto de morar aqui. Não gosto mesmo! É porque necessito. Eu gosto de sítios calmos e sossegados...de verão não se dorme! Festas, carros a plissar, já foi mais...mas não é um sítio que eu goste! (Entrevista 1, Cerco do Porto).

Nunca tive problemas nenhuns, já gostei mais do meu bairro sou sincera, mas nunca tive problemas...Eu nasci aqui... (Entrevista 4, Cerco do Porto).

Logo, podemos afirmar que de facto que os sentimentos de pertença pelo bairro têm vindo a ser alterados e afetados, não tanto até pela localização geográfica do bairro, mas por um conjunto de outros aspetos que combinados, resultam numa alteração dos sentimentos de gosto por este espaço social. O facto deste se encontrar afastado do centro da cidade e por ser um espaço excluído e estigmatizado, a intervenção no mesmo não tem sido uma prioridade, até porque outros bairros como o Lagarteiro, Corujeira ou Machado Vaz foram intervencionados primeiro do que o Bairro do Cerco do Porto. Durante as nossas incursões ao terreno e à medida que as entrevistas iam avançando, saímos em busca dos aspetos mencionados, como é o caso dos portões anteriormente referidos no excerto acima apresentado.

Podemos ainda apresentar dados de pendor etnográfico que atestam o estado de limpeza das ruas, também ele considerado relevante, não só para quem vive no bairro, mas como para quem lá passa, isto é, se próximo do centro do Bairro temos a sede do IEFP com grande afluência, para quem não reside no bairro, estas questões relacionadas com a limpeza e com o estado de conservação permitem a criação de juízos ou opiniões sobre esse mesmo espaço, contribuindo de certo modo e noutra nível, para a perpetuação do estigma face ao espaço em causa, vejamos os seguintes exemplos:

FIGURA 1: Visão dos portões e do estado de degradação, no Bairro do Cerco do Porto



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, após a apresentação dos resultados obtidos de acordo com as nossas hipóteses de trabalho e objetivos de investigação, conseguimos estabelecer uma espécie de circularidade entre todos os aspetos mencionados. Assim sendo, foi possível a observação e a auscultação de sentimentos e discursos que, por si mesmos, revelam e assumem-se como um espelho daquilo que Guerra (2002) abordava na época – no mesmo território – como sendo uma fragmentação do tecido urbano, um território segregado e excluído. Dezasseis anos volvidos deste trabalho de investigação, continuamos a verificar a existência destes mesmos aspetos, a fragmentação do tecido urbano, além de continuar a demonstrar uma descontinuidade na mancha citadina, no sentido da condição periférica do bairro, assume outros moldes, no nosso entender, também eles basilares, logo, podemos referir que estamos perante uma fragmentação das identidades individuais e coletivas de um segmento populacional da cidade do Porto, segregado, excluído e marginalizado, não apenas no estrito senso do conceito, mas por via de múltiplas formas que se foram acentuado com o passar dos tempos.

A falta de intervenção urbana e política é entendida como um dos principais meios de contribuição para tal, uma vez que a intervenção social mais enraizada através da IPSS, do Lar de idosos e do C.A.T.L anteriormente abordados. Por outro lado, temos ainda em mente os contributos de Domingues (1994) quando o autor aborda o grau de afastamento ao centro de acordo com a visibilidade e clareza de uma distinção face aos atributos centrais, isto é, quanto mais nos afastávamos do centro da cidade⁸, com maior clareza observamos e distinguíamos aspetos de afastamento e de separação, quer fossem pelos acessos, pelos discursos ou estímulos visuais e sensoriais. Até para nós,

⁸ Aspeto que pode ser interpretado literalmente, dado as nossas viagens de transportes públicos com partidas do centro da cidade até ao bairro.

investigadores e atores sociais, consideramos estremece o sentimento de confusão, de não reconhecimento de um local pois se no centro da cidade tudo nos é acessível, comparativamente, esses locais marginalizados são repletos de inacessibilidades, sejam elas ao nível da mobilidade ou do diálogo, algo que veio ser atestado pelas entrevistas,

O Cerco do Porto está esquecido completamente! (Entrevista 2, Cerco do Porto).

...acho que este bairro ficou esquecido em muito aspetos...
(Entrevista 4, Cerco do Porto).

Isto aqui não tem nada...parece que estamos no meio do mato...
(Entrevista 5, Cerco do Porto).

Findadas as nossas considerações e análise referente aos discursos das nossas entrevistadas, estando os mesmos em consonância e servindo de suporte ao teste das nossas hipóteses de trabalho, entendemos que outros aspetos deveriam ser analisados dado serem reveladores de alguns eixos teóricos aqui abordados, nomeadamente ao nível das visões das mulheres do Bairro do Cerco sobre outras mulheres entre outros tópicos, dado que também esses discursos são evidenciadores das suas vivências e formas de estar e de viver no bairro. As histórias de vida, assumem-se como algo muito mais complexo do que apenas trajetórias familiares e, essencialmente, assumem-se como o principal meio de compreensão das vivências num bairro social estigmatizado.

4. Considerações finais

Dado que o nosso foco eram as histórias de vida, as trajetórias, sentimentos de pertença e afetividades face ao bairro, não analisamos em profundidade os percursos escolares destas mulheres. Aferimos sim - como já mencionamos - em termos profissionais, que as mesmas enfrentavam quotidianos de emprego precários e incertos, algo referido pelas mesmas como uma causa direta do seu local de residência. Os condicionalismos aqui, ao nível das identidades e das trajetórias, não se prendem apenas com uma espécie de estigma particularizado no âmbito profissional, mas inclusive com entraves às residências, uma vez que estas não satisfaziam as necessidades das mulheres, quer fosse pelo estado de degradação, falta de apoio, escassa intervenção ou até mesmo, pela imposição - devido a necessidades económicas - da vivência com familiares. A maioria das entrevistadas não possuía capacidade de sustento económico se possuíssem casa própria. As entrevistadas do bairro do Cerco afirmaram inúmeras vezes as condições habitacionais como um entrave nas suas vidas.

Novamente, em mais um estudo, continuamos a verificar o peso de uma carga simbólica pejorativa associada à habitação em bairros sociais das periferias, que apesar de extremamente evidente no bairro do Cerco do Porto, apenas era igualada pela imensa carga negativa simbólica relativa à etnia cigana, não apenas por indivíduos exteriores como, principalmente, pelos residentes no bairro em questão.

Os processos de exclusão social influenciam grave e diretamente as identidades pessoais e coletivas, e a noção própria de que se é alvo de exclusão irá influenciar a forma como se relacionam com outros, dando origem a combates e tensões internas. A auto e hétero exclusão pautadas nas suas trajetórias e experiências é feita tendo o *outro* como sistema padrão. Como outrora mencionado, a ausência de perspectivas para o futuro nas nossas entrevistadas é verificada, e ainda as tensões identitárias encontram-se de facto presentes devido ao exercício constante de violência simbólica, quer seja por discursos, valores, modos de vida ou até obrigações que, aos olhos de indivíduos não excluídos socialmente se assumem como impreteríveis.

Referências Bibliográficas

- Beall, J. (1996). Urban Governance: Why Gender Matters. *UNDP Gender in Development Programme (UNDP)*. Vol.1. Disponível em: <http://www.gdrc.org/u-gov/doc-whygendermatters.html>
- Domingues, A. (1994). (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da Periferia ou a mistificação dos conceitos? *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras*, Vol. 1(X/XI), pp.5-18.
- Guerra, P. (2002). *A Cidade na Encruzilhada do Urbano: algumas modalidades de relação de um estudo de caso acerca do processo de recomposição espacial e social do tecido urbano portuense na década de 90*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Universidade do Porto.
- Guerra, P.; Gelain, G.; Moreira, T. (2017). Collants, Correntes e Batons: género e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil. *Lectora: revista de dones i textualitat*, Vol. 23, pp.13-34.
- Hancock, C. (2016). Feminism from the margin: Challenging the Paris/Banlieues Divide. *Antipode*, Vol. 46 (3), pp.636-365.
- Levitas, R. (1998). *The inclusive society: Social Exclusion and New Labour*. London: Macmillan.
- National Democratic Institute (NDI) (2015). *Women and Local Executive Office*. Washington, DC: National Democratic Institute. Disponível em: <https://www.ndi.org/files/Women%20and%20Local%20Executive%20Office.pdf>
- Sousa, S. (2018). *O Cerco é minha Casa! Apropriações e identidades face ao espaço habitado*. Dissertação de Mestrado. Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Tacoli, C. (2012). Urbanization, gender and urban poverty: Paid work and unpaid carework in the city. *Urbanization and Emerging Population Issues, WG7*, pp.1-48.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
IS Working Papers are an online sequential publication of the
Institute of Sociology of the University of Porto
R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: <http://isociologia.up.pt/pt-pt/pagina/working-papers>
ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 88

Título/Title

“Das vidas na cidade e no bairro: uma abordagem às histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco”

Autora/Author

Sofia Sousa

A autora, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons “Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).